

DO ENSAIO EM CURADORIA

por Carolina Machado

«*The essayist dismisses his own proud hopes which sometimes lead him to believe that he has come close to the ultimate [...]. But he ironically adapts himself to this smallness – the eternal smallness of the most profound work of the intellect in face of life [...]*»

(LUKÁCS, apud ADORNO, 1991: 9-10)

Perante uma coleção imensa, essa totalidade inalcançável, a exposição toma a forma de ensaio. Não apenas porque se lhe nega, logo à partida, a possibilidade da dimensão universal e da abordagem totalizante. Ora, a forma enuncia, por si só, o posicionamento do coletivo no desenvolvimento do projeto curatorial. Trata-se, antes de mais, de uma declaração de ignorância: o reconhecimento do inevitável desconhecimento, a partir do qual se estabelece a real abertura de espírito.

Propõe-se a rejeição da pretensão criacionista e, nesse sentido, a celebração da criação que lhe antecede, tão fascinante como a que está por vir. É a exposição feita ensaio na medida em que assume o deslumbramento com a palavra já dita: «*[...] its efforts reflect the leisure of a childlike person who has no qualms about taking his inspiration from what others have done before him.*» (ADORNO, 1991: 4). Não em busca da invenção, sempre tão sobrestimada, mas antes da interpretação – ou mesmo da interpretação que deriva da interpretação. Note-se que o ensaio assenta precisamente no princípio do eterno desdobramento: «*Nothing can be interpreted out of something that is not interpreted into it at the same time.*» (Ibid.: 4). Eis que o coletivo trabalhar a partir dessa sedimentação, mais ou menos profunda, inerente a qualquer coleção. Neste caso, ou talvez em todo o caso, impor a *tabula rasa* seria contraproducente – e, aliás, deveras prepotente.

Assim, a exposição é concebida como um ciclo de apropriação infinito, em que todo e qualquer novo contributo se apossa daquele que o precede, corroborando ou contrariando a tese que lhe está

subjacente. Na verdade, pouco importa a orientação que toma, desde que honre o compromisso fundamental do projeto curatorial, ou seja, desde que aprofunde, de algum modo, o trabalho de revivificação da coleção. Isto significa que a exposição não se afigura como um produto acabado, restrita no seu âmbito, mas antes como um processo de construção, sempre aberta a outra leitura. Afinal, a exposição estabelece apenas a matriz, atuando como uma urdidura. É a partir desta que se tece a trama: «*Thought does not progress in a single direction; instead, the moments are interwoven as in a carpet. The fruitfulness of the thoughts depends on the density of the texture.*» (Ibid.: 13).

Neste contexto, não se respeita uma certa lei ou uma determinada ordem, pelo que a dita textura vive das irregularidades, das vicissitudes, das idiosincrasias – as de um debate que se quer genuinamente aberto. Pode até dizer-se que a única premissa do ensaio é a liberdade – este avança, sem freio, ao sabor do pensamento. Considere-se a exposição como um *work in progress*, sendo que a data do encerramento não implica necessariamente o fim da discussão. Pois que o *display* reclama, sobretudo, a interrogação. E o sucesso desta proposta reside, portanto, na fecundidade das perguntas, não propriamente na infalibilidade das respostas. De facto, o ensaio abraça essa tão apazível angústia de não ter como antever um desfecho, uma vez que consagra a imprevisibilidade do pensamento: «*In the essay as a form, the need makes itself felt, unconsciously and atheoretically, to annul theoretically outdated claims to completeness and continuity [...]*» (Ibid.: 16).

Entende-se a curadoria na sua dimensão ensaística, recusando a segurança de uma solução já testada e admitindo a permeabilidade de um diálogo tão livre quanto imprevisível. Afirma-se o gesto interpretativo em detrimento do gesto inventivo, assumindo a pequenez de todo e qualquer gesto, essa que expressa, em última análise, a profundidade da

investigação. É a superação de uma necessidade, porventura inata, de plenitude: «*It self-relativization is inherent in its form: it has to be constructed as though it could always break off at any point.*» (Ibid.: 16).

Perante uma coleção imensa, a busca pela plenitude seria impensável – e, de resto, não necessariamente pertinente. Nesta coleção, o que resta de coerência é a incoerência, no sentido em que a constante, a existir, passa justamente pela ideia de fragmentação. Tal como o ensaio, esta exposição encontra a unidade numa possível combinação dos fragmentos: «*It thinks in fragments, just as reality is fragmentary, and finds its unity in and through the breaks and not by glossing them over.*» (Ibid.: 16).

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. (1991). «The Essay as Form» In *Notes to Literature*. New York: Columbia University Press. Vol. 1, Págs. 3-23.